

Israel & Mohamed, Milo Rau, Keersmaecker, Josef Najd e Peter Stein chamados a Almada

Gonçalo Frota

Às portas da 43.ª edição, de 4 a 18 de Julho, o festival diz-se “no último dos últimos recursos” face à enorme subida dos custos

Uma, duas, três, quatro *Gaivotas* pairam sobre o 43.º Festival de Almada, a decorrer, como sempre, de 4 a 18 de Julho em Almada e Lisboa. De forma mais literal, com uma encenação da peça de Anton Tchekhov por Christian Benedetti, mas também a sobrevoar, enquanto inspiração, espectáculos de Milo Rau, de Raquel Castro e da companhia Formiga Atómica.

Na apresentação à imprensa, ontem, na Casa da Cerca, o director da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada, Rodrigo Francisco, começou, no entanto, por chamar a atenção para o “agravamento” das condições de organização, com os custos ligados à logística a triplicarem desde a pandemia.

“O festival é subvencionado em um terço pela câmara municipal, noutro terço pelo Ministério da Cultura e no restante por receitas próprias”, explicou Rodrigo Francisco ao PÚBLICO, discriminando o orçamento de 630 mil euros. “Em relação às receitas próprias, resolvemos manter o preço das assinaturas porque o contexto não é propício a aumentos; o apoio por quatro anos da Direcção-Geral das Artes acabou agora e temos a expectativa de que haja uma actualização à inflação; a subvenção da câmara municipal é a mesma desde 2015.”

Face ao aumento de custos da montagem do palco na Escola D. António da Costa, das viagens das equipas artísticas, do transporte de cenários e do alojamento, o director sustenta que “um festival que presta um serviço de público precisa também de investimento público”.

“Estamos no último dos últimos recursos”, diz ainda. “Não podemos transformar o festival internacional do país numa mostra de teatro sem cenografia e feita de monólogos.”

De gaivota em gaivota

Quanto à programação, e com a peça de Tchekhov em destaque, caberá a *La Mouette*, encenação de Christian Benedetti, encerrar o festival, convocando o público para esta obra-prima que expõe conflitos geracionais, novas e velhas formas artísticas, e uma ideia de “sonhos desfeitos”.

Também em *Ansioliticamente Falando* Raquel Castro começa por querer encenar *A Gaivota*, para fugir

da autoficção que costuma trabalhar, mas vai deixando que os ensaios sejam contaminados pela ansiedade e pelas dúvidas perante a aproximação da estreia. Na tentativa de escapar à autoficção, a ela volta fatalmente.

Da mesma forma, Miguel Fragata (que com Inês Barahona fundou e dirige a estrutura Formiga Atómica) regressa em *Só Mais Uma Gaivota* à peça final do seu curso na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo: *A Gaivota*, precisamente. Passados 20 anos, Tchekhov cruza-se com as histórias de vida dessa turma, visitando expectativas passadas e confrontando-as com os caminhos que as trouxeram até ao presente.

Também *La Lettre*, do suíço Milo

Rau, é atravessada pelo texto seminal de Tchekhov. Encomenda do Festival de Avignon, onde foi o espectáculo itinerante da última edição, é uma narrativa simples e inebriante, entregue a dois jovens actores que cruzam as suas narrativas no teatro com as suas histórias familiares.

Outras peças da última edição do festival francês desembarcarão em Almada. Entre elas, *Israel & Mohamed*, dueto entre o bailarino e coreógrafo espanhol Israel Galván e o autor e encenador francês Mohamed El Khatib sobre as turbulentas relações de ambos com os seus pais. Em *Brel*, a belga Anne Teresa de Keersmaecker mergulha com o jovem bailarino e coreógrafo Solal Mariotte no cancio-

neiro de Jacques Brel e na marca física das suas actuações em palco. Já *Le Sommet* é o mais recente espectáculo do *habitué* Christophe Marthaler, em que o encenador suíço, mestre do teatro musical, fecha seis pessoas num espaço indeterminado e as deixa a tentar comunicar em línguas diferentes, com motivações incertas.

Peter Stein, outro dos históricos e mais reputados encenadores do teatro europeu que o festival vem acompanhando, regressa a Almada com um outro mergulho em Tchekhov. No seu caso, no entanto, a atenção recai sobre *Plátonov*, numa criação para o Tieffe Teatro - Teatro Menotti Milano, de Itália. Na apresentação à imprensa, Rodrigo Francisco admitiu que este

será “porventura, o último espectáculo” do grande mestre alemão.

De regresso estará também o franco-húngaro Josef Najd, partilhando com o costa-riquenho Ivan Fatjo *Dialogues dans le Rêve*, ao som da música de John Cage, citando o autor japonês Muso e relacionando-se com a obra do poeta húngaro Dezs Tandori.

Talo como Peter Stein, chegarão ainda de Itália *Fratto X* e *Mussolini*. *Fratto X*, criação da dupla formada por Antonio Rezza e Flavia Mastrella, é uma peculiar discussão existencial a dois. *Mussolini* é um satírico mergulho de Tom Corradini na cabeça do ditador fascista, e partindo das gritantes semelhanças físicas entre os dois.

De Espanha, vrá *El Rey de la Farándula*, um “gaspacho dramático” em que Ángel Ruiz veste a pele de Filipe IV, num um formato de cabaré.

Ionesco, Beckett, Brasil

Como sempre, a Companhia de Teatro de Almada estreia uma nova produção no seu festival, desta vez uma encenação de Álvaro Correia que, sob o título *Saudações*, agrupa três peças de Ionesco. Um empreendimento “delirante, difícil, desafiador”, descreve o encenador.

As reposições de espectáculos portugueses já estreados, além das variações de *A Gaivota* acima mencionadas, terão início com a encenação de Miguel Seabra – que dirigirá também o programa de formação Sentido dos Mestres – para *Happy Days*, de Samuel Beckett. Seguem-se *Burn, Burn, Burn*, em que Os Possessores põem os frequentadores de um clube de leitura a acordar nas personagens do *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, e *O Beijo no Asfalto*, peça polémica de Nelson Rodrigues que Tónan Quito dirige tendo pela frente actores e atrizes brasileiros a viver em Portugal – a estreia é no Teatro Nacional São João, no Porto, no próximo dia 18.

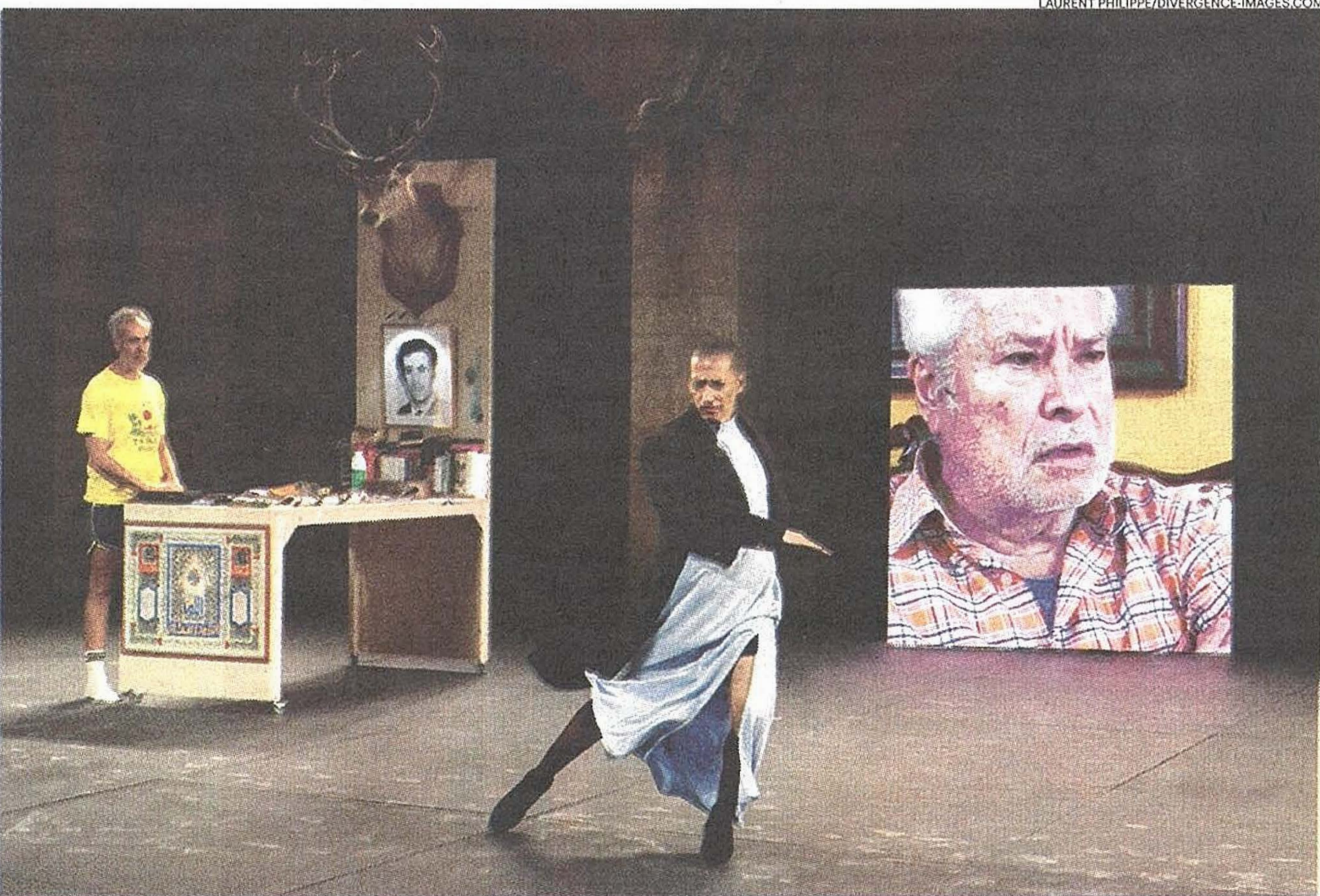
A estes, junta-se ainda a estreia de *Variadas*, espectáculo de Fernando Heitor e Flávio Gil que revisita 100 anos daquela sala do Parque Mayer.

A abertura caberá ao suíço Martin Zimmermann, misturador exímio de teatro, dança e novo circo, mas não com o previsto espectáculo *Louise* (baseado no universo de Louise Bourgeois). Uma lesão de uma das atrizes obrigou o Festival de Almada a substituí-lo por *Danse Macabre*, uma outra criação de Zimmermann.

Como espectáculo de honra, o mais votado pelo público em 2025, regressa *Teatro Delusio*, da companhia alemã Familie Flöz. O homenageado desta edição será o actor e encenador Fernando Gomes.



“Um festival que presta um serviço público precisa também de investimento público”, reclama Rodrigo Francisco, temendo vê-lo reduzido a uma mostra de monólogos sem cenografia



Israel & Mohamed junta Israel Galván e Mohamed El Khatib; em cima, *La Mouette*, que fechará o festival